

O Galato



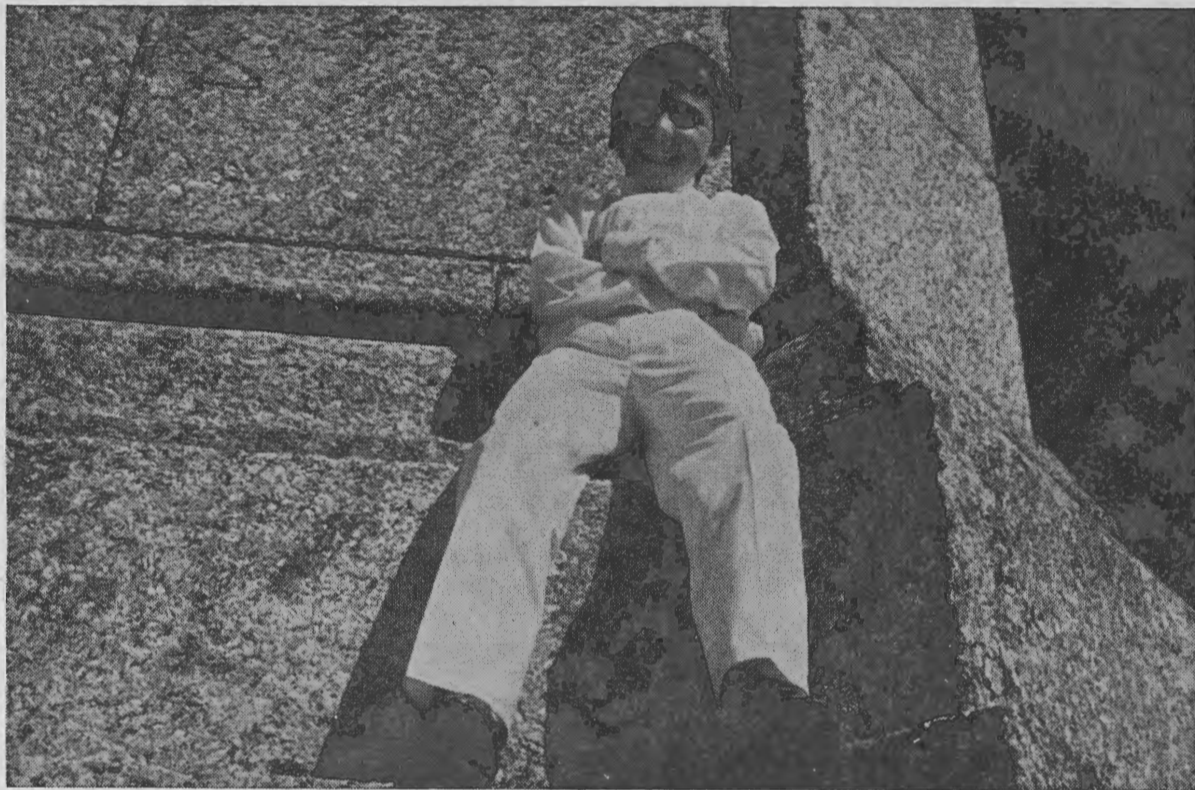
PORTE
PAGO

Quinzenário * 30 de Agosto de 1986 * Ano XLIII — N.º 1108 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes; pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



As paredes graníticas resistem à erosão... O sorriso e o fado do «Amendoim», naquele dia, expressam a brancura da sua alma!

TRIBUNA DE COIMBRA

Este fim-de-semana é a venda d'O GALATO. É tarefa séria e consoladora.

Alguns deixaram os seus dias de férias à beira-mar e vieram fazer a venda. São doze mil jornais. É a grande fonte do nosso pão.

Manhã cedo, partiu a Ford com um grupo, em direcção à Beira Baixa. Fez a primeira paragem em Figueiró dos Vinhos. Depois, parou na Sertá. A seguir, em Proença-a-Nova. Em Castelo Branco, deixou um grupinho. Seguiu até Alcains e parou. Continuou e desceu outro em Alpedrinha. No Fundão, ficaram dois. Em Tortosendo, desceu um e o resto parou na Covilhã.

É meio da manhã. A meio da tarde começa o regresso. São horas de jantar quando chegam a Casa. Vêm cheios de mimos e de embrulhos. Todos os tratam bem e são Amigos.

Dois partiram cedo, na Rodoviária Nacional, para Tomar. Ali continuam sempre abertas as portas da Casa de Betânia. São dois dias. Os Amigos de

Tomar não deixam por mãos alheias a boa fama de hospitaleiros. O Pedro vem sempre carregado de carne e dinheiro.

Os dois que vão para Leiria, têm de levantar-se muito cedo para apanhar boleia, a tempo de chegar ao mercado. Geralmente, apanham boleia depressa. Eles levam a força d'O GALATO que faz parar. Têm lá quem os receba e trate bem. Regressam, à boleia, sempre contentes.

Eu fui com outro grupo. Parei nas Termas de Monte Real para deixar o Serafim. Depois, na Praia da Vieira, ficou o Arlindo e o Pedro apanhou boleia para o Pedrógão. Segui com Janica e Bernardo até S. Pedro de Moel. A meio da tarde, faço a recolha e vou deixá-los na Figueira da Foz. E sigo sózinho para Casa.

Três dos mais pequenos saíram, também cedinho, à boleia, para a Praia de Mira. O Diamantino gosta muito de vender ali o jornal e na última

Cont. na 2.ª página

AQUI, LISBOA!

«Trabalha, pois, pela tua independência racional, honesta, cristã. Tem vergonha de ser um peso morto. Os teus vintens na caderneta hão-de dar-te audácia e valorizam as ocasiões.»
(Pai Américo, in *Cantinho dos Rapazes*)

A parábola do rico insensato, constante do Evangelho do passado dia 3, põe em evidência os desvarios dos homens que procuram estratégias para gozar a vida, esquecendo que esta não é propriedade sua e lhes pode ser abruptamente tirada. Mais: o Mestre manda-nos guardar de toda a cobiça, pois, não é por ter em abundância que a vida nos depende dos bens, importando antes que nos tornemos ricos aos olhos de Deus do que vivermos obcecados pela sua acumulação desenfreada.

Cristo não condenou nunca as riquezas mas, isso sim, que nos tornássemos presa delas, de coração empedernido, autênticos escravos do ter a qualquer preço, sem lugar para o exercício da Justiça e da Caridade, vivendo de maneira avara ou delapidando arbitrariamente os bens.

Sabemos, infelizmente, que a maioria das pessoas procura enriquecer de qualquer maneira, colocando aí o seu coração. Ganhar muito ou parecer que se é rico, tudo com assento meramente material, é a grande preocupação de quase todos. A importância dos indivíduos mede-se pelas aparências ou pelo possuir isto ou aquilo, muitas das vezes com prejuízo do essencial. A vaidade superabunda e, com frequência, exhibe-se à custa de injustiças ou do defraudar dos outros. As ostentações são o pão-nosso-de-cada-dia.

Muitas famílias, nesta linha de agir, sofrem na sua carne e no seu espírito as consequências respectivas. Dissipando ou desbaratando a seu bel-prazer, gastando acima das suas posses para fazerem figura, vêm-se em sérias dificuldades. «Chapa ganha, chapa gasta», diz o Povo.

Não queremos, efectivamente, escamotear a realidade. Muitos vivem em casa porque não ganham o suficiente, têm os salários em atraso ou não dispõem de ocupação. Pensamos, sim, na falta de bom senso existente, que leva os cidadãos

a cobiçar aquilo que está para além das suas possibilidades, procurando afirmar-se pelo simples ter das coisas, quando,

Cont. na 4.ª página

Cantinho da Família

O padrão por que nos regemos é a Família. Esta foi a herança que Pai Américo nos legou, ao jeito de norma de vida nas Casas do Galato. Não queremos outra forma de estar e de viver. O problema dos que nos procuram é de ordem familiar. A solução está, pois, na Família.

Os laços de sangue são o caminho normal. Mas estes falham. Fazemos esta experiência ao longo da nossa vida de Padres da Rua. É a degradação da Família que está na origem do elevado número de pedidos que nos chegam. Ali, se contássemos a história de cada um dos filhos que vivem connosco, haviéis de chorar e mandar calar tantas vezes lou-

cas que se levantam, até em lugares de tamanha responsabilidade! Haviéis, sim, de chorar tantos passos que foram dados e outras tantas feridas abertas na vida familiar!

Mas o Amor tem outra medida. Tem uma dimensão espiritual capaz de gerar laços a nível de família. Vivemos esta Verdade. E onde a carne falha, o espírito supre e permanece. Eis um testemunho que vem de longe. Vem de Angola:

«Benguela, 16 de Julho de 1986

Temos passado muito bem, graças a Deus e temos todos a lembrança de todos vós, neste dia. Os nossos corações voltam-se para o passado. Temos

saudades. Neste voltar-se para o passado, encontramos uma realidade viva e que nunca passa. Encontramos um facto — o de sermos filhos dum Pai: Pai Américo. Encontrando-nos, pois, com este Pai, tudo é alegria, é festa e tornámo-nos presentes: celebrámos o 16 de Julho, o mesmo.

Nós estamos condicionados porque somos homens e tudo o mais, mas a paternidade de Deus que para nós — os Gaia-tos — se manifesta numa maneira concreta naquela alma santa, neste dia, está em nós. É perfeita e não nos sentimos órfãos.

Tenho estado com alguns

Cont. na 2.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Azurara

Estou na Praia de Azurara a passar férias e, como mais velho, tenho a missão de ajudar os mais pequeninos.

Somos cinquenta e três, incluindo os cinco mais velhos que estamos para ajudar naquilo que for preciso.

O tempo não tem sido famoso, mas já estamos moreninhas e os nossos amigos leitores ficariam encantados ao verem os nossos «Batacinhas» a tomar banho... Então o Júlio e o Bruno Filipe são o espanto de toda a gente a tomar as suas banhos!

Precisamos de baldes, muitos baldinhos para eles brincarem todos. Temos a esperança que, para o ano, já tenhamos esses baldinhos e pás.

O Júlio, com os seus três anitos, vem até junto de mim e diz: — Eu sou lindo, sou? Tu gostas de mim?

Quem diz o Júlio, diz o Bruno Filipe, o «Palhaço», o Quintino, etc. Eles precisam de senhoras equilibradas que façam uma opção grande na vida e desejem ser mães destes amores.

Mulher portuguesa que me lê: se já és adulta e sabes o que queres na vida decide-te e vem conhecer-nos.

Nesta crónica quero agradecer às fábricas «Flama» e Silampos, de Cesar, Oliveira de Azeméis, que nos mimosearam com uma bela louça; à Cooperativa Agros, que ofereceu leite e queijo; e à Fábrica de Chocolates Imperial que nos deu chocolates. Deus vos pague e continue a ajudar.

«Mestre»

Praia de Mira

As nossas férias terminaram a 15 de Agosto.

O Hugo, de 4 anos, ficou até ao fim e muitas vezes perguntou quando ia para Miranda do Corvo. Mas os dias passavam e ele brincava sempre contente com a ajuda dos mimos de todos. Ele muito gostou de chapinhar na água do mar e dizer que há água pequena para os pequeninos e, lá longe, água funda e grande para os maiores.

Muitos gostaram mais de se regalar estendidos na areia. Por cá, são os «lagartos». Outros, com a bola, jogaram como deu melhor.

O mar, naturalmente, foi bravo ou manso, maré cheia ou maré baixa. Uns, por vezes, aborreciam o chefe para tomarem banho: «Podemos ir ao banho? Já são tais e tais horas!» «Ainda não está na hora...» Mas outros não queriam tocar na água.

Férias, são férias e muitos foram apologistas desta frase porque, quando se lhes mandava fazer alguma coisa (lavar a loiça ou limpar as camaratas, etc.) contavam quantos dias já tinham ido ou se alguém ainda não tinha feito nada.

O cozinheiro, de que ninguém teve razão de queixa, serviu-nos bem, contando com a ajuda das Senhoras. Preocupava-se se o comer estava bom ou se alguém tinha ficado sem

ele: «O que interessa é encher a barriguinha» — dizia.

Quanto a partilhas, sempre nos chegaram os Amigos bem conhecidos, que com certas sobremesas e almoços e uma boa merenda, nos animaram. Nunca sentimos assim a presença de tantos Amigos!

A Casa ficou arrumada e os da Colónia de Anadia ocuparam-na. Lá estão outros a aproveitar a beira mar. Em Setembro, serão crianças da Covilhã. Bom proveito!

Para os Leitores que ainda não gozaram férias, que elas sejam bem aproveitadas.

Boas férias.

Guido

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Aquele dia foi cheio!

Ainda que outros, noutros lados, chamem por nós (sem razão de maior), a gente fica com o coração aos saltos quando empurrados para os que mais sofrem ou clamam pela nossa mão.

Primeiro, burocracia das Caixas: pensões, abonos de família — um rosário de papéis!

— A gente não sabe escrever! A gente não compreende o que eles querem...!

Em estratos sociais para além dos quarenta anos, é ainda muito grande a percentagem de analfabetos! Não falando, já, noutros abaixo daquela cota, tecnicamente considerados semi-analfabetos. Problema de certo modo pertinente, que bole com muita coisa!

● Adjante reside uma Viúva — vida inteiramente dedicada aos filhos — a quem temos dado a mão,

regularmente, suprimindo a miserável pensão dita de sobrevivência.

Mulher heróica. Mãos pejudadas de calos! Faz tudo o que aparece para não falhar com a malga de caldo aos filhos — tudo!

Agora, porém, que uma das filhas vai festejar — pobre mas dignamente — a primeira Comunhão, precisa d'algo mais.

— Faço tudo p'ra que não falte nada. Mas q'ria dar à piquena uma festinha, no dia em que vai receber o Senhor pelo primeira vez...

Terá prenda adequada e prato melhorado. «Vai receber o Senhor pela primeira vez...» Mãe feliz! Feliz comunidade!

● Mais abaixo mora um casal, unido fora de tempo. Não importa, agora, dizer porquê. Importa, sim, dar graças a Deus por ser uma família.

Dizem os jornais, em título a toda a largura, que somos o País do Ocidente com maior percentagem de mães adolescentes — solteiras! Se fôssemos cascabulhar e como e o porquê, topáramos, infelizmente, uma boa parte delas naturais de regiões do interior. Um problema complexo que dá pano para mangas e ocuparia um bom grupo de especialistas na pesquisa e conclusões do mal. Nós mais não podemos fazer do que prevenir ou resolver situações — quando é possível.

O moço foi chamado para a tropa. «Eu não contava...!» A mulher e a descendência ficam à mercê das sopas (pobres sopas!) d'outrem...!

PARTILHA — Uma parte dos cidadãos está, agora, em férias. Só uma minoria abala de casa — segundo as últimas sondagens.

Ora os Pobres, infelizmente, não podem gozar uns dias de relaxe (alguns não têm o suficiente para as duas refeições...). Os nossos Leitores compreendem a situação e não falham com a presença amiga.

Aí está o vale de correio duma «Assinante de Paço de Arcos» com

«saudações fraternas e a partilha habitual» — 8.000\$00. Há quantos anos!

Mais um remanescente de contas, com O GAIATO, do assinante 11040, da Capital. «Maria de Portugal» — muito certinha! — interroga: «Se os Irmãos pobres e doentes não têm férias poderemos nós tê-las sem lhes dar uma pequenina prova do nosso amor fraterno?» Isto é o Mandamento Novo!

Assinante 31685, de Coimbra, um conto de réis e «graças a Deus também sou vicentino». Muito certo. É Deus quem dá o toque!

Um Amigo, de Mortágua, diz que volta «novamente para enviar 2.000\$00 à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, para distribuírem conforme entenderem». Aquele «novamente» é tão expressivo — e oportuno!

Assinante 35019, de Lisboa, manda um cheque e afirma: «Das migalhas que sobre gostaria que fossem para aquela mulher que tem o marido com baixa e se vê em grandes dificuldades. Também estou muito interessada na cadeira de rodas para o inválido. Vou acompanhar este assunto através d'O GAIATO, e talvez possa dar uma pequena ajuda». Como já sabe, será destinada às peças necessárias à operacionalidade do veículo.

A assinante 5957, também da Capital, envia uma bolada, bem recheada, «com o pedido de uma oração por melhoras» de saúde. Deus está a ouvir-nos! Além da nossa, como é óbvio, outras se juntarão — em sentido cristão — ou a nossa fé, ainda que mortíqua..., não fosse a pedra angular.

Outra presença habitual — da assinante 26471:

«Segue um vale postal de 1.500\$00 que se destina à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, minha modesta contribuição de Agosto e Setembro. Como sempre, gostaria que fossem entregues a uma senhora idosa e doente. Mas, também, como sempre, fica ao vosso critério a melhor maneira de ser entregue.»

A Caridade, bem entendida, é assim mesmo!

Finalmente, a esposa do assinante 32517 — distinto professor e um dos melhores especialistas de Medicina do País — aparece, de vez em quando, com a Amizade de sempre; agora, para ajuda de um caso apontado nesta coluna mais do que uma vez: «Há 50 anos eu era assim: queria ter isenção de propinas, bolsa de estudante e estudava para isso...» Um estímulo tão oportuno!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª página

venda entregou catorze contos.

Cantanhede, Anadia, Mealhada, Condeixa, Pombal, Lousã, Miranda do Corvo e Ceira, são arrabaldes de Coimbra. Também a cada uma destas terras vai o nosso mensageiro, todas as quinzenas.

Mas o nosso forte é a cidade de Coimbra. Nem podia deixar de ser. Aqui está o pulsar mais forte do nosso coração.

Procuramos, como Pai Américo nos ensinou, que O GAIATO seja mensageiro e que a venda dele seja mensagem. Mensagem de bem e de trabalho que a criança ou jovem leva a cada um.

«Ninguém no mundo é capaz de ensinar com proveito, se as lições não levarem consigo pedadas do sangue que as realizou» — diz-nos Pai Américo.

O Miguel foi premiado como melhor vendedor. Oferece o jornal a toda a gente. Diz que quando anda a vender o jornal, anda a fazer um trabalho muito sério. «Leva consigo as pedadas do sangue» nas dores de pés ao fim de cada dia. Na última venda entregou 23.000\$00.

Da última vez, os vendedores entregaram a passar de trezentos contos. Cento e vinte são do preço normal. Os restantes foram de «gorjetas» — como eles dizem.

A venda d'O GAIATO é escola de grande confiança. Continuai a recebê-los e a confiar. Olhai bem por eles e ajudai-os a livrar-se do mal.

Padre Horácio

Cantinho da Família

Cont. da 1.ª página

casais gaiatos: O Adão, o Paulo, o Toi. Todos estão bons. O Vieira, a D. Rosa estão de saúde e os meninos também.

Aguardamos pelas vossas notícias através do nosso jornal, sempre que é possível.

Em nome de todos os gaiatos e, sobretudo, daqueles que não se recordem desta data, um abraço muito amigo do vosso

Manuel Kalemba»

Padre Manuel António



Outra imagem das Festas realizadas pelos gaiatos do Tojal.

Novos Assinantes de «O GAIATO»

A procissão de novos Assinantes é esmagadora! No meio de tantas notícias, de tantas afirmações exuberantes (o que fica reservado na alma de Anónimos que motivam novos Leitores?) só temos que pôr as mãos e dar graças a Deus.

Já que o espaço é limitado, vamos citar algumas das muitas cartas que chegam todos os dias.

Vale da Amoreira:

«Sentindo-me na necessidade de ser leitor d'O GAIATO, muito gostaria que m'o enviassem. O entusiasmo que tenho pelo jornal!... Pedi-o emprestado e ao ler demoradamente encontrei uma magnífica frase do inesquecível Pai Américo: «Temos que ajudar os Outros — se necessariamente queremos salvar-nos».

Como seria belo o mundo em que vivemos se fosse abolida a marginalização, a injustiça e todos procurássemos cimentar os laços de solidariedade! Esta tomada de consciência só será realidade quando a humanidade for perfeita. Temos o exemplo de Jesus... S. João acrescenta que o melhor caminho para chegarmos ao conhecimento de Deus é o amor fraterno.

A Obra transcendente de Pai Américo não pode murchar; tem que ser levada por diante! Contem comigo, de futuro, como leitor apaixonado...»

Carcavelos:

«Sou a assinante 24220, filha duma admiradora fervorosa da Obra do Padre Américo. Por isso, minha mãe fala dela a todos os amigos que a visitam, dando os jornais para lerem e os levarem para os seus lugares de trabalho. Os últimos foram parar a uma das mais chics alfaiatarias de Lisboa; os outros, a um Colégio onde a mãe é monitora. Os novos Assinantes são os filhos: um, estudante, de 17 anos; o

outro, estudante-trabalhador, com 22 anos.»

O GAIATO penetra, cada vez mais, no meio juvenil! Di-lo a Assinante 25233:

«O segundo vale de correio é destinado à assinatura d'O GAIATO para o Grupo de Escuteiros (de... Ofereci o jornal a este grupo e todos, crianças e chefes, gostaram — o que é natural pela doutrina que anima a publicação.»

Uma coluna de Vale de Cambra:

«Somos os alunos da excursão da Escola Primária que visitámos a vossa Casa.

Ficámos verdadeiramente impressionados com as palavras que o Padre Manuel António proferiu para todos nós! Resolvemos, então, chegar a casa e pedir aos nossos pais para darem autorização de assinarmos O GAIATO...»

Para além do mais que fica por citar, sublinhamos o ofício dum Posto da GNR do Alto Douro:

«Numa das suas visitas, o capelão apresentou um esboço da Obra do Padre Américo e estimulou-nos a ler O GAIATO.

Há, porém, alguns que pretendem receber o jornal nas suas residências, pelo que se encarregarão individualmente

de remeter os montantes que julgarem mais convenientes.»

Por fim, o extracto dum cartão da assinante 29980:

«Mais três amigos vos querem ler quinzenalmente...»

Desculpem o papel fora de tempo (e talvez não!, tem de ser todos os dias Natal...). Mas, neste momento, é o único que tenho à mão e não posso protelar mais esta obrigação que clama, a toda a hora, por concretização.»

Esclarecemos um ou outro Amigo mais recente — desconhecedor do ser e agir d'O GAIATO — que não temos «condições de assinatura». Dependem da vontade dos Leitores. A única condição é lerem O GAIATO — e tudo o mais virá por acréscimo.

Tracemos, agora, uma breve panorâmica da procedência dos novos Assinantes: Porto e Lisboa, um mar de gente; mais Ovar, Guimarães, Vila Nova de Famalicão, Vila Real, Castelo de Paiva, Branca, Oliveira de Azeméis, Candal e Camidelo (Vila Nova de Gaia), Barreiro, Montijo, Setúbal, Sesimbra, Almada, Monte da Caparica, Pinhal Novo, Coimbra, Cidai (Trofa), Aveiro, Penafiel, Vilar de Andorinho e Avintes (Vila Nova de Gaia), Bairradas (Fi-

gueiró dos Vinhos), Senhora da Hora, Santa Maria da Feira, Rio Tinto, Sacavém, Castelo Branco, Fiães (Feira), Estoril, Queluz, Cascais, Figueiró dos Vinhos, Santo António dos Cavaleiros, Rio Maior, Carnaxide, Albergaria-a-Velha, Espinho, Ermesinde, Póvoa de Lanhoso, Tadim (Braga), Vendas Novas, Matosinhos, Alcáçovas, Mem Martins, Amarante, Barcarena, Entre-os-Rios, Proença-a-Nova, Tortosendo, Seixal, Ançã (Coimbra), Águas Santas, Riomeão, Pedrulha, Serpa, Antas (V. N. Famalicão), Figueira da Foz, Olho Marinho, Pinhel, Moita, Anadia, Santo Tirso, Galamares, Oliveira do Douro, Santo Adrião de Vizela, Perosinho, Vila Nova de Gaia, S. Cosme (Gondomar), Alverca, Torres Vedras, Malveira, Loures, Mafra, Leiria, Joane (V. N. Famalicão), Coia, Caldas de Vizela, Tomar, Braga, Valbom (Gondo-

mar), Válega, Paredes, Olhão, Cucujães, Vila Franca de Xira, Vila do Conde, Palmela, Valadares (V. N. Gaia), Aradas (Aveiro), Camarate, Odivelas, Carcavelos, Oeiras, Bragança, Bombarral, Varge, Caxinas (Vila do Conde), Faro, Meleças, S. Bartolomeu do Rego (Fafe), Leça da Palmeira, Lordelo (Paredes), Rebordosa, Guarda, Monte (Murtosa), Caminha, Arcos de Valdevez, Giesteira, Melres (Gondomar), Portimão, Requeixo, Freixeda, Machico, Maia, S. Mamede de Infesta, Carreço (Viana do Castelo), Meinedo, S. João da Madeira, Lousada, Ribeirão (V. N. Famalicão), Póvoa de Varzim, Raimonda; e, ainda: Bremen e Köln — República Federal da Alemanha; S. Diego e Conn. — América do Norte.

Júlio Mendes

POBRES

● Mais uma vez nas pedras lisas de Miragaia para visitar os irmãos e partilhar contigo as suas vidas. Ser ponte.

Ao olharmos da encosta os telhados da mesma cor e as águas tranquilas do Douro, não imaginamos os abismos de desigualdade no interior das habitações e por detrás da calma e beleza do rio, tanta coisa supérflua e quanta miséria degradante debaixo, quase, das mesmas telhas vermelhas.

Visitemos, hoje, carinhosamente:

A família J., com o pai doente, impossibilitado para sempre e com dois filhos diminuídos.

A família F., com dez filhos e dois netos, só o ordenado do pai e muita desorientação.

A família M., pai e mãe doentes dos pulmões.

«Aquele que te pedir um peixe, ensina-o a pescar». Que bom se para eles houvesse mar ou rio... só rio de roupa suja que corre e se vai amontoando...

Há dias, uma visitadora social: «Não consigo nada da família F., não sei mesmo porque ponta lhe pegar». Não tem ponta nem margem. Ir só amparando com muita paciência e carinho; sempre fica algum bem que um dia dará fruto.

● Há uma linha de fronteira entre pobreza e miséria que custa definir. Outra fronteira com fosso ou muro entre aqueles a quem sobra tudo e os que se desunham pelo pão-de-cada-dia.

Quando numa sociedade falta o Amor e falta a Justiça, surgem muros e fossos que são nítidas linhas de fronteira entre os homens. Linhas invisíveis aos olhos de cada um, mas marcadas a ferro nas almas e nos corpos de tantos. Então, «dançamos» diante de falsos deuses... O Próprio que nós invocamos fica muro da nossa

idolatria. E, se nós, os cristãos, ajudamos a construir estes muros... não rezemos. Não vale rezar.

É tempo de acordarmos para o Amor dos Outros e da Justiça.

Padre Telmo

CARTAS

«Recebi os vossos livros e como vou ter alguns exames ainda não iniciei a sua leitura periódica. Trazem a continuação das palavras do Padre Américo e nesse sentido guardo-os com bastante cuidado, pois cada palavra apresenta um significado especial e acomoda-se admiravelmente ao propósito que a precede. Que grande escritor apareceu! Nele o prolongamento das obras estava na caneta. Como nos faz sentir tão profundamente, esmagando-nos contra o sentido de cada palavra, quando nossos olhos querem avançar o parágrafo!

Assinante 10884»

«Sendo assinante d'O GAIATO e tendo sido deles, gaiatos, professora durante dez anos, junto um cheque com o pedido de livros — inclusivem o CANTINHO DOS RAPAZES — para o meu neto ler. Ele só tem três anitos, mas ficará mais rica a sua pequena biblioteca. Quando puder folhear os livros de Pai Américo, acredito que lhe servirão tanto como os catecismos que aprenderá. Mais ainda: As noções que lhe forem ministradas, um pouco teoricamente, serão complementadas com a vivência prática e a lição de vida real dos nossos irmãos.

Assinante 21110»

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS da zona Centro

Depois da bela jornada de confraternização vivida em 15 de Junho, que foi do agrado geral e de que demos notícia em devido tempo, bem como alguns outros órgãos de comunicação social nacionais, a quem ficamos muito agradecidos pelo interesse demonstrado, cá estamos de novo.

Assim, dado o entusiasmo reinante entre a «nossa malta» para que se repetisse o Convívio do ano passado, na Senhora da Piedade de Tábuas, em Miranda do Corvo, entrámos em contacto com a Comissão de Melhoramentos daquela Estância, para o efeito, tendo-nos sido cedidas as instalações para o dia 21 de Setembro, data que aceitámos por nos parecer conveniente.

Esta oportunidade vem possibilitar a alguns que, por motivos diversos, não puderam comparecer em Junho, o ensejo de pisarem de novo e ao cabo de bastantes anos, terreno que tão bem conhecem, ao mesmo tempo que poderão abraçar e rever companheiros, cujas caras deixaram de ser vistas, a partir da separação verificada com a saída da Casa do Gaiato, para uma vida diferente.

Aparecem agora com a sua família constituída, aproveitando para mostrar aos filhos e a suas mulheres (alguns, também aos netos), toda aquela magnífica paisagem que constitui o aglomerado ali existente, contando histórias passadas, a caminho ou lá, sempre que as antigas Colónias de Férias de miúdos e miúdas das ruas de Coimbra, faziam o seu repouso anual, de 15 dias por turno, na época de Verão.

Passaram já alguns anos, e é pena que tenham deixado de se fazer pois, ainda hoje, muitos conimbricenses recordam com saudade esse tempo, que chegou a passar de pais para filhos, criando um entusiasmo entre os beneficiados que, normalmente, eram dos mais necessitados da cidade.

A concentração será, como de costume, junto ao Estádio Universitário de Coimbra, para os que partirem ou passarem por esta cidade, cerca das 9 h, levando cada família os seus comestíveis. O programa será dado a conhecer directamente a cada um, como de costume.

Lá esperamos por todos e desejamos que sejam muitos, contando que o tempo ajude.

Machado

OS NOSSOS LIVROS

Da autoria de Pai Américo:

- Pão dos Pobres (quatro volumes);
- Obra da Rua;
- Isto é a Casa do Gaiato (dois volumes);
- Barredo;
- Ovo de Colombo;
- Viagens;
- Doutrina (três volumes);
- Cantinho dos Rapazes;
- Próxima edição: Notas da Quinzena.

Doutros autores:

- Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro;
- Calvário, Padre Baptista;
- A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo — Métodos e vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte;
- O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

Barredo

Por
P.e Carlos



Como eram...

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

não raro, pela sua conduta, não terão outro modo de afirmação.

Aqui há tempos, perguntando a um dos nossos jovens, qual a sua maior aspiração, foi-nos respondido: «Ter uma grande casa com jardim, piscina e garagem e, claro está, um potente carro!» Ora, ressaltando os exageros de comparação, parece-nos ser esta a mentalidade comum. Não há uma hierarquia de valores ou de prioridades nem sequer uma visão equilibrada das possibilidades reais. Por outro lado, o ser-se económico, comedido e perseverante nos objectivos fundamentais a que legitimamente todos devemos e temos o direito de aspirar, é para os outros; e quando estes passam a usufruir certos bens essenciais, como uma casinha e o seu recheio, adquiridos com muita luta e trabalho, não faltam as invejas e a atribuição à sorte.

Dentro da Obra, temos procurado ajudar, às vezes de maneira discreta, os rapazes, incutindo-lhes o sentido da poupança e da parcimónia, em ordem ao seu futuro, afirmando que o dinheiro é para as pessoas e não o inverso. Havemos de confessar, por ser verdade, que a maioria não compreenderá esta preocupação, que já era de Pai Américo, como se confirma na frase citada à laia de mote.

Os modelos de sociedade em que vivemos não são, na verdade, exemplares. O sentido de poupança é assaz raro. O gozo, o prazer, as comezainas

e o uso desmedido de bebidas, o luxo no vestir, que o que interessa é andar na moda, a posse de toda a «estereofonia» possível, são os grandes objectivos a alcançar. A constituição da família — e alguns namoram e pretendem casar — não motiva muitos jovens a fazer contas e a tecer economias. Os esquemas fictícios das telenovelas são os que imperam e marcam pontos neste como noutros aspectos.

Pai Américo refere ter encontrado no seu caminho muitos rapazes em condições desesperadas e que nem todos podiam, com verdade, culpar a sociedade pelo mal em que caíram. Ganhavam bem, acrescenta, mas gastavam tudo e, por vezes, mais do que aquilo que recebiam. Não foram previdentes. Caíram nos laços da miséria e agora são por ela consumidos. E, no seu estilo paternal, conclui: «Estes casos são frequentes, meus filhos. Tu podes muito bem vir a dar na mesma desgraça, mais tarde, se agora desperdiças. Nem digas, então, que é a sociedade. É mais fácil culpar outros do que admitir a culpa. Não digas. E mesmo que o venhas a fazer, podes enganar, sim, mas não te enganas».

Estas linhas, escritas sem pretensões, são para todos, adultos e jovens. Mais para estes e para os pais, naturalmente. Saibamos ser livres na posse e no uso dos bens materiais, nem avaros nem perdulários, para nossa felicidade, já neste mundo, sem deixarmos de nos tornar ricos aos olhos de Deus.

Padre Luiz

Avesso por natureza e por falta de formação ao mundo das realidades jurídicas, nunca tinha pensado na dependência profunda de um processo como o da recuperação de zonas degradadas, de uma base legal específica que permita ultrapassar, sem atropelo de direitos, os entraves e as demoras que as inevitáveis diferenças de ponto de vista ou de sensibilidade aos problemas que urgem, provocam fatalmente. E dei por isso ao procurar a explicação para espaços já restaurados no Barredo, ou em via de completa restauração, e ainda inaplicados à função a que se destinam por causa de questões pendentes a aguardar solução judicial.

É que no breve período após 1975 em que se realizou a quase totalidade do que está feito, se usou de leis feitas

sobre o caso, e lhe procurem as soluções legais — e constitucionais! — que permitam andar para a frente sem paragens nem recuos. O Bem-comum tem muita força e há-de poder conciliar-se com os direitos privados que, afinal, estão também em risco em zonas ameaçadas de ruína total se lhes não for deitada mão enquanto é tempo.

É impressionante percorrer as ruas e vielas da Sé e deparar com a quantidade delas que são um emaranhado de escoras a segurar prédios contra prédios, certamente pelo risco iminente de desabamento em que eles se encontram. E o que vai por dentro daquelas fachadas?...

Os detentores da propriedade em zonas assim não-de compreender — ou terão de compreender! — que ninguém lucra com a manutenção do estado

nenhuma delas é absolutamente perfeita.

Num salmo desta manhã, li esta palavra: «Deus julga, não pelo que os olhos mostram, mas na justiça e com equidade». Deus é o Sumo Juiz. Os Seus olhos vêem por dentro porque Ele é a própria Justiça; e, por isso, os Seus actos são caracterizados pela equidade. Mas estas palavras, por se não poderem aplicar unívocamente aos homens, não são inúteis para nós. Elas constituem uma meta e uma fonte de Esperança.

Deus não quer a degradação em que vivem populações como a da Sé e a manutenção dela é uma mentira em que todos somos culpados. Há-de, portanto, haver uma saída, uma saída em que o bem de todos e de cada um possa harmonizar-se e proporcionar uma satisfação equitativa.

Decerto que o caminho mais directo era que cada homem procurasse construir a justiça dentro de si — e não seriam precisas leis. Cristo é o grande Libertador do homem do jugo das leis. Deixou-nos uma só: «Amarás». E quem a cumprir não precisa de leis para ser justo.

Estê era o caminho mais directo. Mas, porque não será o mais viável — pois que na praça pública em que todos os dias aparecem leis novas, se forje uma lei, não precipitada mas amadurecida, que possa fundamentar na Justiça e permitir que se desenvolva com equidade uma obra que é um clamor urgente. E que por sobre tantas dificuldades que sempre se levantam no desenrolar da obra, desde o financiamento às técnicas, não seja a falta de uma base jurídica mais uma a contribuir para um statu-quo, que esse, sim, é uma injúria a tantos homens.

Ao falar da Sé, da Vitória, do Barredo, nós pensamos em todos os lugares semelhantes que há pelo País em fora. Por isso, que os Poderes Centrais atentem no problema e se não há dinheiro para o resolver completamente e já, que ao menos manifestem a sua vontade de o fazer, dando-nos, quanto antes, a lei que falta.

...Como estão!

apressadamente e, mais tarde, declaradas inconstitucionais — o que tornou juridicamente nulas algumas acções concretizadas e, daí, praticamente inutilizáveis obras que chegaram a concretizar-se.

Ora, no Barredo renovado, este inconveniente constitui casos pontuais, ainda assim chocantes. Mas o que estará para acontecer na Sé e na Vitória, zonas em situação de catástrofe a que não é legítimo voltar as costas? Não seria de aproveitar a lição do Barredo e aprender dos erros ou atrevimentos aqui praticados, procurando construir um fundamento legal que permitisse evitá-los futuramente?

Eu compreendia a inquietação e o trabalho de sociólogos e arquitectos em obras desta monta, mas agora vejo que é preciso associar-lhes uma equipa de juristas que se debrucem

actual. Todos terão de sacrificar algo se querem evitar a catástrofe e vir a recuperar a posse ou o usufruto de instalações, agora indignas de utilização humana.

Que bom se não fossem precisas leis. Se todos entrassem no consenso desta urgência e cada um desse o que está ao seu alcance para a solução do problema, nem que fosse não estorvar a efectivação de soluções possíveis, sabido que

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor d'O GAIIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e o endereço em que recebe as nossas edições.

Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel